

A marcha de cem dias

Depois da verdadeira demonstração de comunicabilidade e capacidade de diálogo que foi a sua primeira conferência de imprensa como primeiro-ministro, Maria de Lurdes Pintasilgo voltou a marcar presença junto do público português com o discurso proferido ontem, no acto de posse do V Governo Constitucional.

Documento literariamente agradável, dito (mais do que lido) numa voz calorosa, convicta e convincente, o discurso de posse parece-me ter sido, mais do que uma afirmação política à maneira das muitas anteriormente ouvidas, um lúcido e decidido compromisso moral entre uma equipa de trabalho e um povo que é urgente despertar e reanimar para a tarefa inadiável da reconstrução e do desenvolvimento.

Nota original do discurso de Maria de Lurdes Pintasilgo foi, sem dúvida, a alegria. E espero que ninguém se choque, grotescamente, com esta opinião. Habitados que todos estávamos aos governos que tomavam posse em nome do serviço à Pátria e do sacrifício pessoal — motivações, aliás, que o primeiro-ministro de hoje nenhum, e antes pelo contrário, rejeitou — foi animador e confortante ouvir um chefe de Governo falar em termos de risco e desafio, sem tibieza nem timidez, mas com a tranquila certeza de que, à dimensão do desafio e do risco, terá de corresponder medida ainda maior de coragem e ousadia na procura das soluções.

A própria linguagem de Maria de Lurdes Pintasilgo trouxe a presença de uma fronteira nova ao acto político a que o País ontem assistiu. Creio que não restam dúvidas a ninguém — e negá-lo seria insensatez — de que alguma coisa mudou e continuará a mudar nesta marcha de cem dias que define o caminho do V Governo Constitucional. E para mim, cidadão deste País, que procuro ser cidadão do Mundo numa perspectiva de cristianismo, a leitura que faço do discurso de ontem é apenas esta: pela primeira vez, uma interpretação dinâmica do Evangelho entrou na vida política portuguesa. («E se privilegiarmos alguém, que sejam os mais desprotegidos, os mais desfavorecidos, os que ainda não têm voz...»).

Por isso, é tão pesada e tão profunda a esperança agora posta em Maria de Lurdes Pintasilgo

Helena Marques

